

Sexualidades, Corporalidades e Transgêneros: narrativas fora da ordem – ST 16
Leandro de Oliveira
IMS/ UERJ
Palavras-chave: Performance de gênero – homossexualidade - etnografia

As realizações polimorfos da figura da bicha

A bicha é o aprendizado de um novo Nome. Não apenas um adjetivo ao nome original, mas um substantivo constituidor
(Daniel, 1983: 35)

Esta comunicação propõe uma reflexão sobre material coletado em observação participante que realizei entre 2004 e 2005, em boate freqüentada por público masculino não-heterossexual de camadas populares, na periferia da cidade do Rio de Janeiro. Essa boate revela perfil singular frente a outros estabelecimentos no circuito ‘GLS’ carioca, que se traduz no discurso de freqüentadores pela representação de que “homem não paga” para entrar na boate, e pela prática de cobrar ingresso somente de sujeitos cuja performance é avaliada como “feminina”. Trata-se de espaço de sociabilidade para travestis, gays praticantes do *cross-dressing* e seus parceiros sexuais, ocorrendo a presença incidental de gays de segmentos de camadas médias. A principal motivação dos clientes pagantes para freqüentar esse espaço seria a possibilidade de estabelecer interação erótica com esses sujeitos de performance masculina, classificados como “homens de verdade” ou simplesmente “homens”. Desejo discutir certos usos de categorias generificadas nesse universo, com o objetivo de apontar para alguns paradoxos da experiência do gênero nesse contexto.

O discurso dos freqüentadores sobre essas categorias foi recolhido no escopo de uma pesquisa que investigava as dinâmicas da interação erótica na boateⁱ. Nesse contexto, as avaliações acerca da performance de gênero conectam-se diretamente às estratégias de seleção de parceiros sexuais, uma vez que circula uma prescrição normativa às interações eróticas *alter-generificadas* e uma desqualificação das interações eróticas *iso-generificadas*ⁱⁱ(Oliveira, 2006). Procurei coletar enunciados remetidos ao contexto de enunciação que pudessem ajudar a pensar de que modo esses sujeitos procediam a distinções entre quem é “bicha” e quem é “homem”, na seleção de parceiros sexuais em potencial.

Uma primeira preliminar sobre a categoria *bicha* é que ela é investida de um caráter *abjeção*ⁱⁱⁱ, e portanto de alteridade, a partir de normatividades muito distintas. A *bicha* é o Outro do *homem*: a categoria serve para assinalar sujeitos cujo processo de materialização enquanto *homem de verdade* fracassaria, é o fantasma contra o qual a masculinidade dos *homens* se delineia. Contudo, a *bicha* é também o Outro do *gay*: no Brasil, a valorização de ‘identidades homossexuais’ na arena pública envolveu a adoção de um termo estrangeiro e a relativa rejeição

dos estereótipos da homossexualidade como ‘inversão’ de gênero que o termo *bicha* evoca. Essa rejeição pode estar ligada a respostas culturais à estigmatização que talvez contribuam, inadvertidamente, para a reiteração das normas subjacentes ao estigma (Carrara, 2005). Em um terceiro eixo, a categoria pode representar o Outro até mesmo para travestis, que evitam o termo *bicha* em algumas de suas estratégias de apresentação de si – por exemplo, na interação com sujeitos que não são travestis, particularmente parceiros sexuais em potencial – talvez pela carga de abjeção implicada. Essa ‘convergência de desqualificações’ torna a investigação em torno do termo “bicha” particularmente delicada, ao ponto de poucas pesquisas acadêmicas se dedicarem a sua análise: a categoria acaba posicionada entre o inaudível e o impronunciável, aquém da percepção e da enunciação, numa zona fronteira entre diferentes formações discursivas.

Outra dificuldade para a investigação é que a categoria polariza a sua volta um leque de personagens e identidades sociosexuais, que, sob uma certa perspectiva, poderiam parecer muito diferentes uns dos outros. Em alguns de seus usos, o rótulo “bicha” serve para englobar outros, cujo sentido também pode variar bastante conforme o contexto: eu citaria, para ficar com as mais relevantes, “travesti”, “gay” e “bicha-boy”. Quando me refiro à categoria bicha como uma “figura”, desejo salientar o caráter mais ou menos esquemático dessa imagem: economia de traços, caricatura minimalista. Essa personagem é alocada a um domínio de repudiada penumbra, que delinea ou faz reluzir o domínio de uma norma ou conjunto de normas.

Nas relações face a face *entre* sujeitos que se identificam como “travestis”, estes tendem a preferir outros termos para referir-se ao interlocutor: *mona*, *bicha* ou *viado*, mais ou menos nessa ordem. Aparentemente esses usos da linguagem caracterizam certa familiaridade entre os co-participantes. Em conversa com a travesti Luana, 24 anos, perguntei porque ela empregava esses termos, esta respondeu que falava assim “porque nós somos tudo bicha mesmo”. Argumentei que ela não se dirigia a todas as travestis da mesma forma, ao que ela sugeriu que esse tratamento era reservado a pessoas com as quais mantivesse laços mais estreitos.

O rótulo ‘bicha’ não enseja adesão/ identificação intensa, mas opera enquanto uma figura que pode se materializar em diferentes formas, circunscrevendo sujeitos portadores de um pênis que não são percebidos como *homens*, no sentido moral da categoria. As categorias “bicha” e “travesti” não se encompassam perfeitamente – em alguns contextos, aparece uma oposição entre a “travesti” (personagem que leva ao extremo o cultivo da própria feminilidade, através de intervenções sobre o corpo) e a “bicha” que não promove transformações corporais perduráveis sobre o próprio corpo visando torna-lo mais feminino. Em outros contextos, travestis referem a si próprias como *bichas*. O uso das categorias *bicha* e *viado*, como forma amistosa de se endereçar a um interlocutor de performance ‘feminina’, é recorrente também entre gays praticantes do

cross-dressing. É possível que, uma vez que o sujeito que enuncia o rótulo “bicha” para falar de terceiros se inclua e/ou seja incluído pelos ouvintes como objeto do enunciado, seja deslocado e apagado citacionalmente o caráter de ‘alteridade abjeta’ de que o termo é investido em outras situações.

A junção do qualificativo *boy* ao termo *bicha* é ato lingüístico aparentemente paradoxal, por unir em uma única categoria classificatória figuras que deveriam estar separadas. A categoria é enunciada em uma gama muito variada de contextos – ou melhor, naquilo que eu, enquanto pesquisador, percebo/ recorto como contextos distintos. Entre as travestis, essa expressão pode ser empregada de pelo menos duas formas opostas. Ela pode indicar um estágio num processo de desenvolvimento (em curso ou interrompido), caso dos praticantes do *cross-dressing*, que abraçariam parcialmente uma feminilidade. Pode, contudo, também assinalar um certo tipo de ‘quimera’, no caso dos gays masculinizados: figuras híbridas marcadas como abjetas que o discurso normativo tenta qualificar como uma ‘subespécie’ de *bicha*. Os sujeitos sobre os quais o rótulo incide não revelam adesão intensa a este ao nível do discurso sobre si: tendem a se identificar como *gays*, referindo a si próprios como *bicha-boy* somente para diferenciar-se de travestis.

Durante algum tempo, os múltiplos usos da categoria me causaram certa perplexidade: apareciam a meus olhos como fundamentalmente agramaticais. Nas primeiras incursões a campo, o termo não emergia nas conversas que estabeleci com freqüentadores, embora aparecesse em diálogos que presenciei entre eles – principalmente comentários entre travestis acerca dos *cross-dressers*. Perguntando formalmente a alguns informantes, travestis e *bichas-boy* acerca do sentido do termo, estes mostravam pouca elaboração reflexiva a respeito, embora alguns tentassem fornecer, às vezes um pouco inseguros, definições que à época me pareciam redundantes e pouco úteis: variações em torno da idéia de que *bicha-boy* é uma *bicha* que não virou travesti.

Em vários desses relatos, com ligeiras variações, era apresentado algum obstáculo para que essa transformação se concretizasse: “falta de coragem”, “medo do preconceito” (fala da travesti Luana^{iv}, 24 anos), falta de “estrutura”, no sentido de autonomia financeira (fala da *cross-dresser* Desirée, 30 anos), “não se aceitar”, “não se assumir” totalmente (fala da travesti Fernanda, 30 anos). Uma versão interessante foi apresentada com naturalidade – como a mais óbvia das evidências – pela *cross-dresser* Daiane, 26 anos, segundo a qual “a *bicha-boy* é o gay: é o jeito como as travestis falam da gente, e a gente acaba falando também”. Formulação semelhante aparece na fala da *cross-dresser* Cristine, 19 anos – informante que se identificava como *gay*, mas que empregava o termo “bicha” como sinônimo para essa última categoria. Valeria assinalar a existência de certa correlação entre a categoria *bicha-boy* e classes etárias: sujeitos de idade

superior à faixa dos 30 anos são referidos, em alguns casos, simplesmente como “bichas”. No discurso sobre si, a categoria parece ser enunciada como forma de se distinguir das travestis, implicando uma pretensão à capacidade de exercer uma performance masculina em espaços públicos: na esfera do trabalho, relações de parentesco e vizinhança.

Perceber-se como *bicha-boy*, para aqueles que externam relativa adesão à categoria, implica o uso de nome feminino, ou o uso de artigo feminino antes do nome próprio masculino: ‘a Marcelo’, ‘a Antônio’^v. Um nome feminino é usualmente empregado na apresentação de si perante pessoas que não façam parte do círculo de sociabilidade do sujeito, podendo mudar com alguma frequência. O nome masculino seria o nome de batismo, mantido inalterado. Segundo depoimentos de sujeitos que se auto-identificam como *bicha-boy*, nas experiências eróticas com *homens* em a apresentação de um nome próprio se faz relevante, um nome feminino deveria necessariamente ser empregado – sob pena de interrupção da interação.

Assim, a categoria *bicha-boy* recobre alguns estilos aparentemente muito distintos de performance de gênero: 1) jovens praticantes do *cross-dressing* que estejam iniciando-se na carreira moral da travesti, efetuando as primeiras transformações corporais duradouras de produção da feminilidade 2) quaisquer outros sujeitos praticantes do *cross-dressing* 3) homens não-praticantes do *cross-dressing* que supostamente exercem, esporádica ou corriqueiramente, alguma modalidade de sexo receptivo, independente do fato de praticarem também o sexo insertivo. Sujeitos que não pratiquem o *cross-dressing* e se auto-identifiquem como *gays* são, quase automaticamente, enquadrados nesse terceiro caso pelas travestis.

Demorei um pouco a perceber o que as definições externadas por meus informantes revelavam quando confrontadas aos usos da categoria *bicha-boy*: que esta se presta, nesse universo, a distinguir entre travestis e outras pessoas do sexo masculino que pratiquem, suposta ou efetivamente, sexo receptivo. Algumas falas recolhidas ao longo do trabalho sugerem que a *bicha-boy* seria uma travesti ou *bicha* “incubada”, que não “se aflorou”, metáforas naturalistas que sugerem a idéia de um germe que não se desenvolvera plenamente. Esses usos do termo são reveladores de um discurso sobre a pessoa humana que se pretende totalizante, cindindo o universo dos indivíduos portadores de um pênis em *homens* (aos quais o sexo receptivo é interdito) e *bichas*. Os sujeitos auto-identificados como *gays* que aderem à categoria *bicha-boy* produzem um deslocamento na categoria *gay*, ao operarem com ela dentro de outro quadro interpretativo: o *gay* será incorporado como uma variante paradoxal da figura da *bicha*, que se masculinizaria de modo precário, parcial e artificial, contrariando as tendências de sua natureza.

Nessa trama discursiva, a categoria *gay* é um ponto particularmente denso de tensões. No nível apresentado anteriormente, o termo é reelaborado, circunscrito a uma das materializações

possíveis da *bicha*. Em outra versão – que se encontra explicitada mais francamente no discurso dos atores identificados nesse campo com a categoria/posição de travesti – a categoria *gay* delinea um campo de abjeção, de alteridade constitutiva, contra o qual se estrutura a especificidade e a interioridade das redes pelas quais travestis circulam:

Fernanda (travesti, 30 anos): essas bichas-boy são *uó*, elas tem as boates delas lá na Zona

Sul, não sei o que elas vêm fazer pra cá que é lugar das travesti

Leandro: são *uó*, como assim?

Fernanda: ah, fica dando em cima dos homem da gente. Ou então fica se beijando no *beco* [espaço no interior da boate, empregado para a prática de sexo entre dois ou mais parceiros] com as caras barbada, até espanta os homem de verdade daqui.

A menção à Zona Sul é relevante, pois trata-se de área no Rio de Janeiro simbolicamente associada aos segmentos de camadas médias ‘modernos’ e ‘individualizados’. Esses sujeitos, cuja performance masculina é desqualificada por meio do rótulo *bicha-boy*, são percebidos por vezes como ‘intrusos’ na territorialidade travesti, que tentariam competir em seu mercado erótico ou perturbariam o desenrolar das transações ali promovidas.

Outra categoria que merece ser assinalada é o termo “viado”. Sinônimo para “bicha”? Talvez, em certos contextos, mas não sempre. Entre os parceiros de travestis e cross-dressers, “virar viado” é um risco simbólico que deve ser exorcizado continuamente, pela negação ou neutralização de qualquer possibilidade de identificação com a ‘homossexualidade’. Esses mesmos sujeitos empregam os termos *bicha* e *traveco* para se referir a parceiros em potencial que consideram menos desejáveis, por apresentar uma modelação corporal ou performance da feminilidade consideradas inadequadas. Nesses usos, especificamente, o termo “bicha” parece assinalar uma natureza feminina desqualificada, enquanto “viado” apontaria para uma masculinidade deteriorada.

Jonas: Tem muita travesti aqui que não é travesti de verdade, é viado com roupa de mulher. Se me der mole eu até pego. Mas eu prefiro as que têm carne, peito, bunda.

Leandro: mas como é que você separa umas das outras?

Jonas: Viado vestido de mulher é todo torto, duro, desconjuntado. É tudo sem jeito, olha aí! Travesti não, tem umas que são mais gostosa que mulher de verdade.

Assim, existem dois campos de enunciados nesse universo que tensionam a figura da bicha, em seus usos citacionais. Nas versões mais ou menos hegemônicas, a *bicha* expressa uma ‘natureza’ feminina, cuja expressão sintética seria o enunciado “eu sempre fui assim”. Um sentido menos enfatizado poderia ser extraído de proferimentos do tipo “conheço essa daí desde que ela era *boy*”, ou “no tempo em que eu era *boy*”: ou seja, de que existe uma trajetória de aquisição dessa feminilidade, que é apagada por meio de um discurso naturalizante. Ser *bicha* e ser *boy* não implica contradição lógica, uma vez que esses termos parecem representar, para os sujeitos que os

enunciam, mais que ‘identidades’ substantivas, o contorno de certos estilos de performance, que se torna perceptível pelo contraste, no contexto de uso:

Leandro: Você vê diferença entre boy e homem?

Daiane: Não, ué. O boy é homem.

Leandro: mas eu vejo que as pessoas chamam só alguns caras de boy

Daiane: Ah isso é porque o boy faz programa. Aliás, alguns boys.

Leandro: Alguns? Não são todos?

Daiane: Tem boy que faz de vez em quando, quando tá sem grana, quando não tem mulher.

Quando precisa.

Leandro: Você já conheceu algum?

Daiane: Ah tinha o Pedro que namorou minha amiga Márcia.

Leandro: Era uma travesti?

Daiane: não, ela era boy.

Leandro: perai... ela também era boy?

Daiane: Ai, menino, não me confunde! Não era boy [no sentido] de homem, era boy tipo bicha-boy, que se monta.

Os usos dessas categorias conectam-se às avaliações tecidas em torno do *jeito* da pessoa. “Jeito de bicha” e “jeito de homem” são duas expressões êmicas que assinalariam, supostamente, atributos perduráveis dos atores sociais – e que, na prática, operam contrastando e opondo estilos performáticos em dois campos distintos. Essas avaliações exercem um papel capital na atribuição de valor erótico a parceiros em potencial na boate.

Esses rótulos generificados tentam dar conta de estilos de performance de gênero e modelação corporal muito plurais. Tais categorias são incorporadas no interior de práticas regulatórias que tentam estabilizar uma gramática normativa que opõe *bichas* e *homens* como personagens distintas: prescrevendo como desejáveis a interação erótica entre um parceiro ‘feminino’ e um ‘masculino’, desqualificando a interação erótica entre dois parceiros femininos, e banindo do discurso a possibilidade lógica da interação erótica entre dois parceiros masculinos^{vi} (Oliveira, 2006). Talvez o paradoxo dessas elaborações e avaliações da performance de gênero resida no fato de que, a despeito das manifestações múltiplas que o gênero assume na experiência pessoal dos atores (na *citacionalidade* que desloca ou mesmo subverte o sentido de categorias em situações de interação) sedimenta-se uma norma que fornece princípios norteadores para a conduta sexual e para a construção de si.

Referências

BUTLER, Judith. “Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do sexo” in LOURO, Guacira Lopes (org) *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: autêntica, 2001.

CARRARA, Sérgio. “Só os viris e discretos serão amados ?” Folha de São Paulo: caderno “mais”, 19 de junho de 2005.

DANIEL, Herbert. “Os Anjos do Sexo”, in L. Mícolis e H. Daniel, *Jacarés e Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.

OLIVEIRA, Leandro de. *Gestos que pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: IMS/ UERJ, 2006.

ⁱ As entrevistas foram realizadas no interior da boate, sem recurso a gravador ou outra forma de registro. Procurei reconstituir, da forma mais fiel possível, os pontos relevantes dessas conversas no diário de campo – registrando categorias empregadas pelos informantes, suas reações às questões propostas, e quaisquer dados pertinentes que emergiam no fluxo da interação.

ⁱⁱ Essas expressões circunscrevem, respectivamente: 1) encontros em situação de co-presença em que o gênero de um dos atores envolvidos no intercâmbio é percebido como distinto e oposto àquele ao qual o parceiro adere, independente do ‘sexo’ biológico de ambos, 2) encontros nos quais essa polarização seria investida de relevância menor ou inexpressiva. Essas categorias analíticas se conectam à definição da situação que os atores projetam em situação de presença imediata, podendo envolver outras pessoas além daquelas efetivamente engajadas em contato físico percebido como erótico. Problemas particulares são colocados por contextos e eventos em que uma definição consensual da situação não se estabeleça – ou seja, que aquilo que aparece como alter-generificado aos olhos de um não aparecesse como tal aos olhos do(s) outro(s) em relação de co-presença. Pode-se observar também graus de ‘alter’ ou ‘iso’ generificação variáveis na interação entre parceiros que se percebam como ‘mesmo’ gênero. Essas expressões não assinalam atributos substantivos iminentes aos próprios encontros, mas instrumental comparativo para apreender e confrontar modos de interação mais ou menos rotinizados (Oliveira, 2006: 47-48)

ⁱⁱⁱ A análise se inspira na formulação conferida por Butler (2001) a essa noção, assinalando um campo de «exterioridade constitutiva» que se forma no processo de sedimentação de *sujeitos, corpos e normas*.

^{iv} Todos os nomes são fictícios, visando resguardar o anonimato e privacidade de informantes.

^v Os *cross-dressers* com que conversei apresentavam-se para mim, de modo geral, com um nome feminino, e somente no curso de interações em sua rede de sociabilidade emergia o nome masculino acompanhado de artigo feminino.

^{vi} Posto que, nesse último caso, ou se trataria de uma relação entre ‘bichas’ com ‘jeito de homem’ – dois homens gays – ou se trataria de uma relação de sexo ‘pago’, em que um sujeito percebido como *homem de verdade* pratica sexo (sempre no papel insertivo, supõe-se) com um parceiro de ‘aparência’ indesejavelmente masculina, obtendo dinheiro ou bens materiais nessa troca, e não prazer.